

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO

EDITOR: MANUEL RODRIGUES ÁLVARES

DELEGAÇÃO EM LISBOA - TELEFONE 31839

AVENÇA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PRINCESA, 72 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - TELEFONE 254

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: GRÁFICA DO SUL - V. R. S. ANTÓNIO

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

SEGUNDO os números publicados do resultado da votação, foi eleito Presidente da República o sr. contra-almirante Américo Tomás que até há pouco desempenhou o alto cargo de ministro da Marinha, com grande proveito para a Nação, havendo a salientar a particularidade simpática de lhe terem sempre merecido cuidado os interesses e apoiações da classe piscatória.

Felicitando o novo Chefe do Estado, fazemos calorosos votos por que durante a sua magistratura se consiga um melhor entendimento entre a família portuguesa, entendimento que para bem de todos e prosperidade do País, se impõe.

ESTÁ DESPERTANDO O MAIOR INTERESSE a II Exposição Filatélica

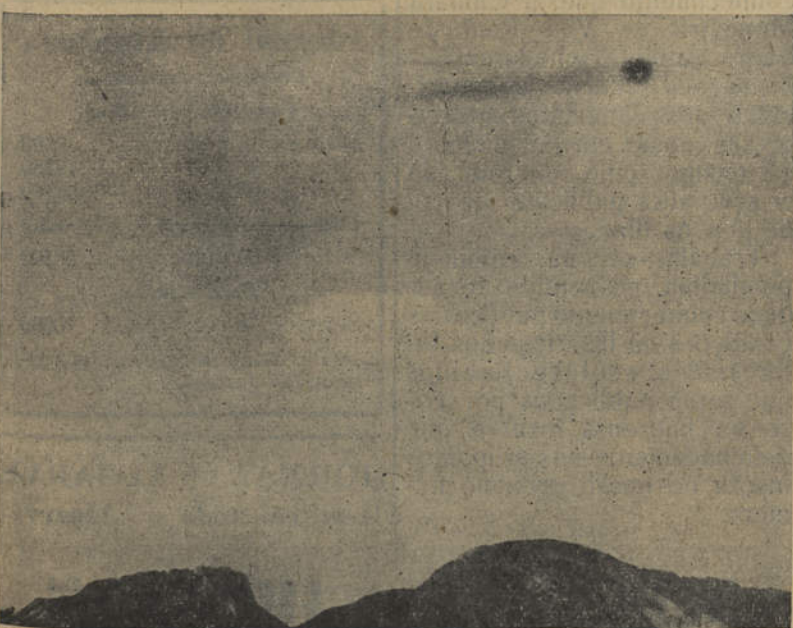
de Vila Real de Santo António

PELO sr. Pedro Martins Socorro, vice-presidente da Câmara Municipal, foi inaugurada, às 15 horas de terça-feira, a II Exposição Filatélica de Vila Real de Santo António, instalada, como noticiámos, no salão de bilhares do antigo Café Centeno, na Praça Marquês de Pombal.

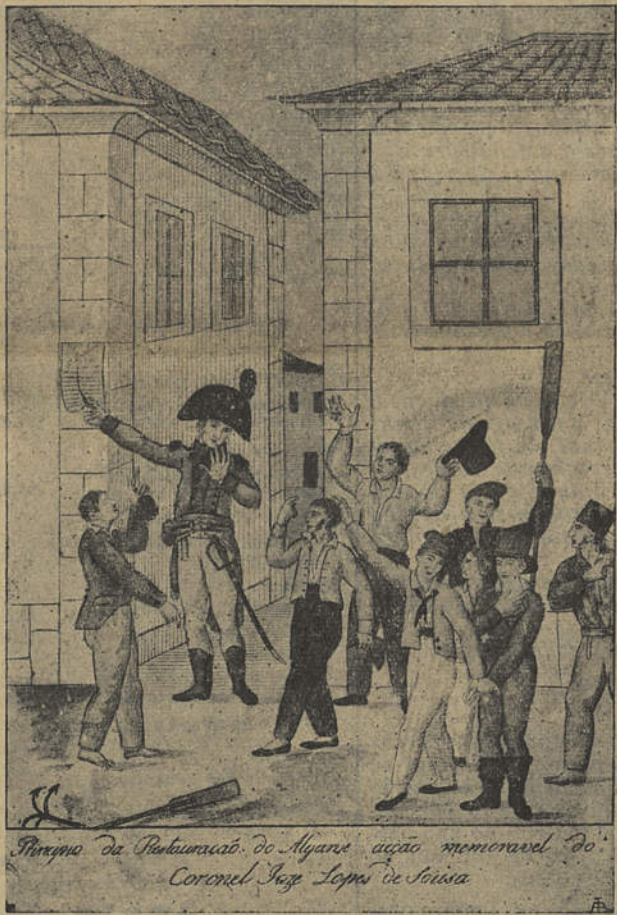
Em nome da comissão organizadora do certame, falou o seu presidente, sr. Júlio Mendes, agradecendo a presença do sr. vice-presidente da Câmara e expondo os objectivos daquele. O sr. Pedro Martins Socorro disse que se sentia muito satisfeito e honrado em proceder à inauguração, dado o valor da filatelia como passatempo altamente instrutivo e bastante benéfico economicamente para os seus cultores. Felicitou a comissão organizadora pela feliz iniciativa, que, previa, ir ter êxito certo, e fez votos para que a Exposição despertasse em muitos dos seus conterrâneos o gosto de coleccionar selos, pelos grandes ensinamentos e prazer intelectual proporcionados. Terminou enaltecendo o significado patriótico da data em que a inauguração era feita.

A Exposição, que encerra amanhã à noite e tem sido muito visitada, reúne inúmeras séries de várias dezenas de concorrentes, algumas de reconhecido valor e apresentadas com manifesto bom gosto, harmonicamente dispostas na ampla e bem decorada sala, que tem excelentes condições para actividades deste género.

Estão também patentes grande número de publicações dedicadas à filatelia e os prémios oferecidos aos concorrentes pelas casas da especialidade.



Este Disco Voador foi fotografado em 24 de Setembro de 1954 sobre Grenoble, por Jacques Baccard, presidente do Centro de Investigações Científicas e membro do «Comité d'Etudes de la C. I. E. Ovaranos». Observe-se a cauda que deixa atrás de si durante o voo. O Disco era silencioso, fenómeno incompatível com a propulsão por reacção



Alegoria ao levantamento dos pescadores de Olhão, em 16 de Junho de 1808. Estampado colorido que pertenceu a João Baptista Prucher e que fazia parte da colecção do comandante Afonso de Dornelas

A FALTA DE PESCA NA COSTA DO BARLAVENTO

justifica enérgicas medidas de fiscalização

DEPOIS do defeso de três meses para a procriação da sardinha, as traineiras partiram para o mar, todas vistosas, de cores bizarras, notando-se-lhes o peso das redes novas e alcatroadas, em demanda dessa preciosa riqueza de sabor tão requintado.

Vão decorridos dois meses que foi iniciada a lida da pesca, e os pescadores que iam cheios de fé em abundantes pescarias, devido à circunstância do peixe não ter sido perseguido durante três meses, raramente apanham algumas escassas sardinhas e, por este motivo, a maioria das traineiras recolheram à base e encaharam por os mes-

tres de pesca, que com tanta fé empreenderam a faina, reconhecerem a inutilidade do seu trabalho em procura do que não encontram na costa barlaventina algarvia.

A que atribuir esta escassez de peixe, sobretudo de sardinha, que se acentua de ano para ano?

Não será devida aos actos criminosos cometidos por pescadores

Conclui na 6.ª página

QUAL SERÁ A RAZÃO?

ACERCA da local em que exteriorizávamos a nossa estranheza pela ausência de representante de Vila Real de Santo António na sessão plenária da Junta Autónoma dos Portos de Sotavento do Algarve, recebemos do presidente do Município Pombalino o seguinte amável ofício:

Sr. director do Jornal do Algarve

Tendo lido no vosso semanário de 7 do corrente a local com o título «Qual será a razão?», venho por este meio esclarecer a V. o seguinte:

Esta Vila encontra-se representada na Junta Autónoma dos Portos de Sotavento do Algarve pelo presidente desta Câmara, o qual, por motivos vários, foi impedido de comparecer na citada reunião da mesma Junta, em que só seria discutido o relatório de contas e balanço referente a 1957.

Esperando ter dissipado a estranheza provocada pela leitura do artigo do «Diário Ilustrado», aproveito a ocasião para apresentar a V. os meus melhores cumprimentos. A bem da Nação — O presidente da Câmara, a) Matias Sanches.

Com este esclarecimento ficamos tranquilos, mas a estranheza não foi só nossa. O nosso prezado colega «Correio Olhanense» também se mostrou alvorçado nos seguintes termos:

De estranhar, a ausência de um representante de Vila Real de Santo António, nesta magna assembleia, sabida, como é, a posição de preponderância ocupada pelo porto daquela vila no conjunto português do sotavento algarvio. E uma falha lastimosa que se impõe seja remediada urgentemente, para bem de todos.

A REVOLTA CONTRA O OPRESSOR FRANCÊS há cento e cinquenta anos

À bravura da destemida gente do mar, incitada pelo governador de Vila Real de Santo António, se deve a gloriosa proeza

FAZ depois de amanhã 150 anos que o povo de Olhão se ergueu contra o domínio francês. Gente simples, ignorante na sua maior parte, habituada à rude e ingrata vida do mar, granjeando trabalhosamente o pão de cada dia, não obsteu isto — esta rudeza, canseira e ignorância — a que conservasse a sua dignidade, a dignidade do pobre, que é sempre a mais trabalhosa e meritória — e não se pôde isentar o sentimento da dignidade do sentimento da liberdade — completam-se ambos. Como todos os portugueses, nesse distante ano de 1808, viviam os olhanenses sob a tutela do invasor francês; o que esta tutela representava em violências, roubos, morticínios e perseguições todos mais ou menos o sabem. As nossas autoridades, às ordens dos ocupantes, não dispunham de força e eram obrigadas a oprimir os seus compatriotas, sendo perseguidos aqueles poucos portugueses que ousavam discordar do francês. O panorama da Nação era sombrio, uma profunda tristeza invadia todos, que quase se sentiam hóspedes da terra onde haviam nascido. O clero, a medo, reagia e um ou outro patriota atrevia-se a afrontar o despotismo do ocupante, mas estas reacções eram esmagadas e delas restavam umas poças de sangue e um acirrar de ódios que um dia haviam de explodir, na sua fúria represada, com a violência que o povo usa quando chega a hora de se libertar da tirania estrangeira.

E foi isto que aconteceu em Olhão, faz depois de amanhã século e meio. Pretendia Junot — para evitar que as duas nações peninsulares se unissem contra o domínio francês — que os portugueses, um povo escravizado pelas suas tropas, pegassem em armas contra os espanhóis. E neste sentido mandou afixar editais em todo o País. Deu-se o caso de se encontrar na vizinha Vila, em mudança de ares, com sua mulher e filhos, o coronel José Lopes de Sousa, governador de Vila Real de Santo António, o qual ao dirigir-se à igreja matriz, a fim de ouvir a missa (era dia de Corpus Christi), reparou no ajuntamento de povo que estava à porta do templo a ler a proclamação de Junot.

Conclui na 6.ª página



Aspecto do rio de Portimão, apresentando a frota de pesca fundeada

O seu a seu dono

NO nosso último número, a acompanhar o artigo sobre a Praia da Rocha, inserimos uma magnífica gravura de um aspecto rochoso da costa algarvia, atribuindo-a àquela praia quando a verdade é que se trata da encantadora Ponta da Piedade, em Lagos. O lapso deve-se à circunstância da gravura nos ter sido fornecida em Lisboa sem a respectiva legenda. Aqui fica a rectificação, dando-se o seu a seu dono e queremos acrescentar que foi com verdadeira simpatia que verificámos a reacção dos lacobrigenses, certo número dos quais nos escrevem a solicitar o esclarecimento do lapso, um deles referindo-se à sua terra com esta expressão carinhosa: «minha mui amada cidade». Só para ouvirmos estas afirmações de salutar bairrismo quase que vale a pena reincidir.

POVOS DO ALGARVE.

A VICTORIA. Amados concidadãos, marchemos à vitória, a que Deus nos chama, corramos, vódeos a vingat os nossos Compatriotas, os nossos vizinhos de Beja, cujo sangue ainda fumeante clama vingança, e n'aquelles mesmos sitios, a onde os nossos primeiros e assignalados trofeus deram o nome àquelle campo de Cabeças de Reis, as quaes servirão de escudo ás Armas da nossa Monarquia.

Felizes nós outros, e mil vezes ditosos por nascermos em dias, em que derramando o nosso sangue, podemos de huma só vez pagar tantas e tão sagradas dividas, que havemos contrahido para com a Patria que vamos salvar, a resgatar do duro cativeiro, em que jazia, para com o nosso Amavel e Legítimo Soberano, que vamos o restabelecer sobre o Trono, d'onde mioss sacrilegos a tinham derribado; para com o nosso Bom Deus, cujo honra, e gloria infamemente ultrajada juramos vingar, para com aquelle so OMNIPOTENTE Deus, e Protector nosso, que ainda pôde lançar por terra as soberbas muralhas de Jericó. Não temais as armas Francozas, ellas estáo abattidas; os nossos inimigos, os inimigos do genero humano não têm forças, nem mesmo para se defenderem; vós, valorozos Algarvios, conduziestes algemas esses grandes soldados de Marengo, d' Austerlitz, de Iena, e de Friedland; portanto só temei, só desconfiai das suas perfidias, e intrigas, unicas armas, com que sempre têm battalhado, e com que não cessarão de excitar entre vós dissencões, e guerras Civis; vós de sconhecerdes a máo occulta que as maneja; para volla dar a conhecer, este Supremo Conselho de Governo declara desde hoje como vil instrumento, e agente da Franca, como traidor à Patria, todo o Autor e cabeça de tumultos, e sedicões populares.

O Governo faria huma injuria, huma afronta ao voso Patriotismo, se nas actuaes circumstancias, em que tantos e tão nobres motivos nos estimulas, se servisse de meios violentos para vos obrigar a pegar em armas; somente vos convida, desafia o vosso zelo, nobres e fiéis Cidadãos, para que todos os manobros capazes de pegar em armas concorrao, no prefixo prazo de oito dias da publicacão

Proclamação mandada afixar no Algarve pouco depois do triunfo da revolta, aconselhando calma ao povo e ajuda monetária. Redigiu-a o cônego António Luis de Macedo e Brito, membro da Regência de Faro.

O PORTO DE PORTIMÃO E O II PLANO DE FOMENTO

por M. Mergulhão

LI, há poucos dias, no conceituado Jornal do Algarve que o povo da sua laboriosa terra não estava

se refere à primeira fase, que está concluída, ou quase.

Parece que o seguimento de tão grandioso melhoramento, — as obras interiores — deverá atingir verba igual ou superior ainda, motivo por que todo o povo de Portimão está alarmado e pergunta com razão o motivo de tão exigua verba a dispendir em seis anos, verba que mal chegará, segundo opinião de alguns técnicos, para a dragagem do rio, nesse período de tempo!

Assim, conjectura-se por variadíssimas maneiras, chegando a inculpar-se a referida direcção de não ter apresentado em devido tempo os estudos e planos orçamentados das obras interiores do porto, motivo por que os Poderes Centrais não teriam considerado qualquer verba para as ditas obras!

Mas não podemos crer em tal, pois que a direcção da Junta Autónoma dos Portos do Barlavento do Algarve, com sede em Portimão, ao

Conclui na 6.ª página

A saúde é a maior riqueza

AFAGOS FATAIS

O beijo pode transmitir a sífilis, se quem beija tem, nos lábios ou na boca, lesões sífilíticas. As crianças são particularmente expostas a esse grave risco.

Zele pela saúde dos seus filhinhos, impedindo que lhes dêem beijos.

Visado pela delegação de Censura



por CASIMIRO DE BRITO

Faro... no «Jornal do Brasil»

O «Jornal do Brasil», importante diário do Rio, publicou há tempos um suplemento especial dedicado a Portugal, de notável interesse, pelo carinho e sobriedade com que referiu os valores espirituais do nosso País, apresentando colaboração dos nossos melhores escritores e críticos de arte. Isso bastaria para que nos sentíssemos honrados, se não houvesse mais. Assim, na secção poética, foi referido o poeta farense António Ramos Rosa, o mais representativo dos poetas algarvios modernos, sendo-lhe publicado um dos seus valiosos poemas, POEMA DUM FUNCIONÁRIO CANSADO: A noite trocou-me os sonhos e as mãos dispersou-me os amigos tenho o coração confundido e a rua estreita

E, numa secção dedicada a algumas terras de Portugal, escreve-se (não sabemos quem) sobre Faro. Transcrevemos algumas dessas notas, para que os nossos leitores saibam que lá fora se sabe que nós existimos:

FARO

«Com um clima delicioso, rodeada de matas de castanheiros, sobreiros e alfarrobeiras, na zona da serra e, na zona do litoral, de amendoeiras e figueiras, a cidade de Faro, capital do antigo Algarve, é lugar escolhido para as férias e para o turismo.

Mas o interesse que atrai a Faro o visitante não reside apenas nesses factores, uma vez que, do ponto de vista da história e da tradição, a cidade é das mais ricas da região. Como escreve David Lopes, Faro «é um nome árabe, que lhe ficou do tempo em que Sta. Maria (como era chamada a cidade pelos cristãos) constituía um pequeno principado, governado por príncipes de aquele nome (Béni Hârum), na primeira metade do século XI da nossa era».

Até aos meados do século XVI foi conhecida como Farão (de Hârum). Conquistada aos mouros por D. Afonso III em 1249, depois de grande resistência, o mesmo soberano mandou repovoá-la no ano seguinte cercando-a de fortes murallas. A cidade foi quase inteiramente destruída pelos ingleses, em 1596, sendo mais tarde vítima de dois terramotos, em 1722, quando estava em reconstrução, e em 1755, quando o mesmo tremor de terra deixou Lisboa em ruínas.

Dai porque, actualmente, a cidade de Faro não apresenta ao visitante um número de construções que retrate com força e beleza o seu passado histórico.

Na verdade, a pouco e pouco foram desaparecendo as casas com terraços e açoteias, as janelas de aduínas, os pátios descobertos à moirisca, e as delicadas chaminés do Sul. O que há para se ver, sob este aspecto, em Faro, é o que resta da interessante Sé, o convento das capuchas, alguns poucos quadros e outros objectos do Museu, os azulejos seicentistas do antigo Paço episcopal. Acrescente-se a isso o panorama que nos oferece o surpreendente miradouro de Santo António do Alto.

Não se pense, no entanto, que Faro é uma pobre cidade decrépita vivendo da melancolia do seu passado. Pelo contrário o seu povo procura continuar, dentro da nossa época, a tradição de coragem e trabalho dos seus antepassados. Se foi ali mesmo no Algarve, no Promontório de Sagres, que o Infante D. Henrique estabeleceu a sua escola de navegação; se eram filhos do Algarve, na sua maioria, os tripulantes das caravelas que conquistaram os mares desconhecidos, é ainda no mar que se liga a vida da província, sua economia e sua indústria. A pesca do atum e da sardinha é uma das fontes de riqueza de Faro, dando ocupação a milhares de pessoas, que trabalham na pesca e nas conservas».

Daqui, de Faro mesmo, e para os homens do «Jornal do Brasil», os nossos agradecimentos pelas palavras com que afirmaram o conhecimento da nossa existência. Sim, fomos grandes no passado, muito grandes mesmo... e, quem sabe, talvez venhamos ainda a ser grandes no futuro. Para lá caminharemos, pela senda do trabalho e da perseverança.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Esteve em Vila Real de Santo António, tendo-nos dado o prazer da sua visita à nossa redacção, onde veio apresentar cumprimentos, o sr. João Viegas Faisca, chefe da Secção de Hipotecas de «A Confidente» e nosso assinante em Lisboa.

Foi transferido da Conservatória do Registo Civil e Cartório Notarial de Albufeira para a de Alpiarça, onde já se encontra, o nosso assinante sr. dr. António Manuel Gonçalves Saldanha.

Vimos em Vila Real de Santo António o sr. Octávio Rafael Pinto, nosso assinante em Faro.

Encontra-se em Vila Real de Santo António, passando as suas férias, na companhia de sua esposa e filha, o sr. Delfim Rodrigues, nosso assinante em Alferrade.

Do farol do Cabo de S. Vicente veio transferido para o de Vila Real de Santo António, o nosso assinante sr. Jaime dos Reis Mauricio, que já se encontra nesta vila com sua esposa e filho.

Acompanhado de sua esposa, esteve em Vila Real de Santo António o sr. Francisco Delgado Caraca Cipriano, nosso assinante em Lisboa.

Vimos em Vila Real de Santo António a sr.ª D. Iliete Salvador Medeiros, professora do ensino primário e nossa assinante em Amoreiras.

Encontra-se na sua casa de Faro, acompanhado de sua esposa e filha, o sr. coronel-eng. Manuel Aboim Ascensão de Sando Lemos, nosso assinante em Lisboa.

Já regressou a Lisboa o nosso assinante sr. dr. José de Aboim Ascensão Conreiras, que passou alguns dias no Algarve.

Esteve no Algarve, tendo visitado Vila Real de Santo António, o sr. Braz Cabrita de Almeida Conde, administrador do Banco Português do Atlântico e nosso assinante em Lisboa.

Acompanhado de sua esposa, encontra-se passando uns dias em Odemira o sr. António Gaspar Patrocínio, nosso assinante em Vila Real de Santo António.

Foi transferido da Secção de Finanças de Vila Real de Santo António para a de Faro, o aspirante e nosso assinante sr. Valério Quintas Rodrigues.

Em gozo de férias, encontra-se no Algarve, acompanhado de sua esposa e filho, o nosso amigo e assinante sr. Dante Barbosa Guerreiro, funcionário da Sonap, em Lisboa.

Esteve na nossa redacção a apresentar cumprimentos, o nosso correspondente em Algos, sr. Alvaro Duarte Gomes.

Gente nova

Em casa de seus pais, em Vila Real de Santo António, deu à luz, com muita felicidade, uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Germana da Encarnação Serra Vargas, esposa do sr. João Parreira Fernandes, residente em Tavira.

Casamentos

Na igreja da Penha de França, em Lisboa, realizou-se o casamento do sr. Hermano Soares do Nascimento Baptista, filho do sr. Hermano Baptista, proprietário da Estalagem de S. Cristóvão, de Lagos, e da sr.ª D. Mariana Soares Baptista, com a sr.ª D. Maria Luísa Parreira, filha de José Parreira, já falecido, e da sr.ª D. Carminda Parreira. Foram padrinhos, da noiva, o sr. Celso Guerreiro França, gerente industrial, e a sr.ª D. Maria da Piedade França, e do noivo, o sr. José Joaquim Gregório e a sr.ª D. Maria Martins Nunes Glória. Foi servido um fino copo d'água aos convidados.

Na igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Lisboa, realizou-se, com toda a solenidade, o casamento da sr.ª D. Maria Adriana Trindade Ruas Osório, filha da sr.ª D. Herminia Trindade Osório, natural de Vila Real de Santo António, e do sr. Amadeu Ruas Sanches Osório, com o sr. Waldemar Angelo Mendes da Silva, filho da sr.ª D. Mariana Mendes da Silva e do sr. António Augusto Angelo da Silva. Foram padrinhos, por parte da noiva, sua prima sr.ª D. Maria do Carmo Beirão e seu irmão sr. Martinho Charras Osório, e do noivo, seus pais.

Doente

Encontra-se em tratamento em Lisboa o nosso amigo e assinante sr. Ricardo Lino Correia, gerente da filial do Banco Nacional Ultramarino em Espinho. Fazemos votos pelas suas melhoras.

ECONOMIA

As pragas que atacam a amendoeira

CONTINUAMOS hoje a inserir os conselhos que a Junta Nacional das Frutas está a fornecer acerca do combate às pragas das amendoeiras:

4. Crivado das Prunóideas (Coryneum Bejerincki OUD.) — Esta doença causada por um fungo é muito vulgar na amendoeira. As folhas aparecem com pequenas manchas circulares de tecido morto que se destacam deixando orifícios que se juntam dando à folha um aspecto esfarapado.

Nos frutos aparecem manchas deprimidas de tecido morto. Na amendoeira o ataque é acompanhado de abundante produção de goma. Deve combater-se a doença pulverizando quando da queda das folhas com calda bordelesa a 2%, antes da rebentação e depois da queda das pétalas com calda bordelesa a 1%.

5. Lagarta de Libré (Malacosoma neustria L.) — Esta lagarta causa no início da Primavera elevados prejuízos em diversas espécies de árvores florestais e frutícolas, atacando por vezes a amendoeira.

Os ovos encontram-se no Inverno depositos em espiral apertada à volta dos raminhos.

Ao nascer, as larvas constroem teias e mais tarde dispersam-se roendo as folhas. As lagartas são muito características: apresentam listas longitudinais azuis, vermelhas e amareladas e, na cabeça, observam-se duas manchas escuras que parecem olhos.

Combate-se com uma calda de DDT de 50%, na dose de 200 gramas por 100 litros de água, aplicada em pulverização na altura do aparecimento das lagartas. A supressão das posturas durante a limpeza das árvores no Inverno é prática aconselhável.

Lepra da amendoeira (Taphrina deformans TUL) — Esta doença, de aparecimento irregular, ataca principalmente o pessegueiro, mas muitas variedades de amendoeira são atreitas ao mal. As folhas apresentam-se empoladas e torcidas e os tecidos, normalmente verdes, ficam esbranquiçados. Não se deve confundir o ataque desta doença com o de piolhos. Neste último caso as folhas enrolam-se e não há alteração na cor dos tecidos. Também no caso de ataque de piolhos aparece fumagina.

Esta doença só é de temer em primaveras quentes e húmidas e o tratamento, só pode ser preventivo, pela aplicação de calda bordelesa a 1,5% antes da rebentação.

Normalmente, no nosso País, não se emprega este tratamento para a amendoeira, embora ele resulte eficaz.

Pesca em Matosinhos

Na última quinzena do mês findo, as 89 traineiras que pescaram em Matosinhos capturaram 107.868 cabezas de sardinha que renderam 5.056.002\$00. A maior captura coube à traineira «Mar», que vendeu 123.173\$00 e a menor à «Lívio», apenas 1.696\$00.

MOVIMENTO PORTUÁRIO

de 6 a 12 de Junho

ENTRADOS: Português «Madelena», de 1.198 ton., de Lisboa, com carga em trânsito; Portugueses «Maria Christina», de 549 ton. e «Mira Terra», de 562 ton., ambos de Lisboa, vazios; Marroquino «Três Cepas», de 45 ton., de Larache, com atum fresco.

SAÍDOS: «Madelena», com sal, para o Funchal; «Maria Christina», com enxofre, para Lisboa; «Mira Terra», com minério, para Lisboa; «Três Cepas», para Larache, vazio.

Diversas

Nos dois primeiros meses deste ano fabricaram-se no País 653 toneladas de biqueirão anchovado, no valor de 16.703 contos. Em igual período do ano passado o fabrico foi de 662 ton. no valor de 20.639 contos.

O ano passado em Janeiro pescaram-se 4.611 ton. de sardinha que renderam 29.790 contos. Este ano, no mesmo mês, capturaram-se 6.452 ton. que não obtiveram mais de 15.995 contos.

Nos primeiros quatro meses deste ano importámos 14.998 ton. de trigo, no valor de 32.255 contos. Todo este cereal veio de França.

O número total de letras protestadas no continente e ilhas, no primeiro trimestre, foi de 16.641, no valor de 90.008 contos.

Em Março os depósitos à ordem nos bancos ascendia a 36 milhões 906 mil contos e o volume da moeda em circulação era de 11 milhões e 262 mil contos.

No mês findo ascendeu a 1.170.124\$00 a sardinha vendida na lota de Aveiro.

GRÉMIOS DA LAVOURA E SUA ACÇÃO

DODEM os Grémios da Lavoura, ao abrigo da lei, desenvolver acção positiva em prol dos seus agraciados, que o mesmo é dizer em prol da Economia Nacional.

Não sei o que de modo geral se passa pelo País fora, mas é certo que em 1941 visitei o Grémio da Lavoura de Lagos, Aljezur e Vila do Bispo, que então ocupava um edifício próprio, de três frentes, velho, mas caído e bem conservado, composto de 1.º andar e rés-do-chão, com uma área relativamente grande, tendo três grandes armazéns para guarda de adubos, preparação de figos e expurgação dos mesmos, outro com balcão e bem apetrechado de artigos destinados à Lavoura, e ainda outros para guarda de máquinas e insecticidas, tendo notado acção digna de registo. Soube então que tudo o que vi era devido à boa vontade da direcção e ao muito zelo, dedicação e dinamismo do secretário-gerente, sr. Joaquim Vanez Rosado Fogaça, a que, pode dizer-se, se deve a aquisição do edificio e o grande movimento que me foi dado notar, que até justificava o arrendamento de outros armazéns contíguos, para des congestionamento comercial. Tudo indicava um futuro próspero com bases sólidas e eficientes.

A Lavoura acudia à sua casa, dando-lhe alma, vida e animação num crescente desenvolvimento, deixando antever acção e progresso. Porém, ao voltar, fiquei perplexo e descrente perante o que vi. Os armazéns desertos e desnudados, paredes por cair, vidros partidos, soalhos rotos e despregados, tectos caídos e o vestíbulo destinado ao público, onde existem dois «guichets», praticamente vazios, pois que um deles está obstruído por um tapal de cartão e o outro quase só serve para se lobrigar um funcionário que à falta de serviço, se não dorme, pouco menos. A que atribuir tanta inacção se a orgânica é a mesma?

Tudo me leva a crer que a Lavoura se desinteressou da sua casa, como se o vento tudo levaria. Porém, quem analisar o último relatório do Grémio, e o comparar com o daquele tempo, notará aumento

das dotações dos diversos organismos que com o Grémio cooperam, o que reflecte de modo geral, colaboração da Lavoura que, em troca, não recebe qualquer compensação. A que atribuir a não preparação de figo? Porque a afluência do lavrador passou a zero em relação à que notei outrora? Será a não utilidade dos Grémios, como se apregoa, ou a inércia de quem os dirige? Se outrora notei utilidade e acção, poderá culpar-se a organização corporativa do estado a que chegaram organismos que segundo a lei poderiam ser úteis, mas que factores contrários ao que a boa razão aconselha, tornam quase indesejáveis? Parece-me pois que não pecarei, lembrando a necessidade dos senhores procuradores do Conselho Geral, tendo em atenção o previsto na lei, verificarem e fiscalizarem quanto se relacione com a vida dos Grémios, promovendo quanto ao seu alcance estiver para evitar que o forte se torne fraco, pois se algo há que fazer é fortalecer, contribuindo para que a pequena lavoura se liberte das garras ávidas dos comerciantes menos escrupulosos, que uma vez à vontade levam couro e cabelo como é vulgar dizer-se, com prejuízo manifesto para a Economia Nacional.

Não se diga da inutilidade dos Grémios em si, pois que com boas direcções podem, dentro da organização, demonstrar utilidade e eficiência. Uma direcção que se proponha a interpretar o sentido da lei, e com uma boa gerência, consegue fazer vingar os princípios que a boa razão aconselha, para que tudo esteja nos seus lugares, dando a Deus o que é de Deus e a César o que é de César, e poderá demonstrar que os defeitos estão nos homens e não nas leis.

Para chamar os lavradores aos Grémios, são necessárias facilidades que escasseiam, porque, de modo geral, impera o comodismo, que é de condenar sob todos os pontos de vista, e mais quando os atacados de tão grande mal têm a seu cargo algo que, para vingar, impõe espírito de sacrifício.



Vila Real de Santo António de 5 a 11 de Junho

Table with columns for TRAINERAS and various boat names with their respective values.

Atum da costa do Algarve de 5 a 11 de Junho

Table with columns for Cabo de Santa Maria, Medo das Cascas, Barril, and Abóbora with their respective values.

Atum da costa de Marrocos de 6 a 12 de Junho

Table with columns for Senisoas and Ponta Negra with their respective values.

Fuseta de 28 de Maio a 11 de Junho

Table with columns for CAÇADEIRAS and various boat names with their respective values.

JORNAL DO ALGARVE lê-se em todos os centros piscatórios do Continente e Ultramar.

PASSAM A TER DESCANSO dominical os pescadores de Setúbal, Sesimbra e Sines

POR acordo entre os armadores e pescadores de traineiras de Setúbal, Sesimbra e Sines, acordo que entrou em vigor no sábado passado, as artes de pesca da sardinha deixam de ir para o mar no sábado à tarde, só o fazendo no domingo, a partir das 21 horas.

ESCOLA TÉCNICA de Vila Real de Santo António

À hora a que vai iniciar-se a impressão do nosso jornal tivemos a satisfação de tomar conhecimento que, à Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, chegaram as instruções relativas às matrículas dos candidatos ao ingresso neste estabelecimento de ensino, cujo decreto de criação será publicado dentro de poucos dias.

Trabalha-se, na edilidade pombalina, no sentido de ser dado conhecimento público das condições de inscrição dos interessados, esclarecimentos que serão publicados por aviso na imprensa local e que detalhadamente nos propomos inserir no nosso próximo número.

RAUL FOLQUE & FILHOS, L.ª

FÁBRICA DE CONSERVAS DE PEIXE

As conservas são produtos de ALTA QUALIDADE

Olhão de 5 a 11 de Junho

Table with columns for TRAINERAS and various boat names with their respective values.

Armação de Pera de 5 a 11 de Junho

Table with columns for Valor da pesca neste período and Total.

Albufeira de 5 a 11 de Junho

Table with columns for Valor da pesca neste período and Total.

Portimão de 1 a 11 de Junho

Table with columns for TRAINERAS and various boat names with their respective values.

Acessórios Para a Indústria e Agricultura.

VALADAS, Lda. — Largo do Mercado, 29 — FARO.

O CONCURSO de Pesca Desportiva na costa de Tavira

foi adiado para o próximo dia 22

Por motivo de mau tempo, não se realizou na terça-feira o IV Grande Concurso de Pesca Desportiva de Barco que, organizado pelo Ginásio Clube de Tavira, estava marcado para aquele dia. Assim, esta prova, que continua a despertar o maior interesse em toda a Província, foi adiada para o dia 22, com o programa anteriormente estabelecido.

VESTUÁRIO

Limpa a seco, com produtos não inflamáveis e a melhor técnica

Francisco Brito Gonçalves Rua Manuel de Arriaga, 87 Vila Real de Santo António

Tintas EXCELSIOR

Agente em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO Manuel da Silva Domingues

«Jornal do Algarve»

Condições de assinatura

Continente e Ilhas

Série de 10 números. . . 9\$90

» » 20 . . . 19\$80

» » 50 . . . 49\$50

Ultramar, Brasil e Espanha

Série de 50 números. . . 50\$00

Estrangeiro

Série de 50 números. . . 70\$00

(De avião acrescem os respectivos portes)

JORNAL DO ALGARVE lê-se em todo o Algarve.

Pensão Infante de Sagres SAGRES Comunica ao Ex.º Público que reabriu em 1 de Junho.

O JOVEM piloto Fred Reagan eleva-se a bordo do seu «Piper Cub» numa bela manhã de Julho de 1952. O avião atravessa uma plataforma de nuvens e segue depois uma linha de voo horizontal de 8.000 pés de altura (à volta de 2.450 metros de altitude). De repente Fred Reagan distingue ao longe uma espécie de losango deslumbrante que insensivelmente vai aumentando. O piloto não pode avaliar nem a sua distância nem a sua forma exacta. Mas como tem lido muitos artigos dos jornais, sorri. Será um Disco Voador? Seria interessante podê-lo caçar, pensa sorridente. Muda o rumo do aparelho e dirige-se para o objecto com o sentido de voar por cima dele e obrigá-lo a descer... mas não tem tempo de modificar o rumo porque a máquina lança-se contra ele.

Dá-se um choque violento e o «Piper Cub» fica seriamente danificado: uma das suas asas foi arrancada e a parte posterior do aparelho e os restos do mesmo caíram no vácuo em direcção à terra. O piloto foi projectado para fora da carlinga, felizmente sem ter sofrido qualquer ferimento de importância.

Um terror tremendo se apôsso dele pois não tinha pára-quadras e por conseguinte a sua morte era inevitável, tanto mais que a velocidade era vertiginosa.

De repente não sentiu nada e deu-se conta de que a queda tinha cessado. Abriu os olhos e viu o solo em baixo, a 2.000 metros, que não «subia» para ele. Estava parado no ar! No entanto o seu avião continuava a queda até despedaçar-se num campo, envolvido em chamas.

Um avião operado de cancro por seres misteriosos

As emoções sucediam-se e estava francamente aterrorizado, sem poder compreender o que se passava. Tentou mexer-se mas foi inútil: estava paralizado! (1) Reparou que as suas roupas estavam quase coladas ao corpo e que uma misteriosa «sucção» ou «aspiração» elevava-o, levando-o pelos ares cada vez mais depressa, até chegar à misteriosa máquina brilhante que se encontrava absolutamente parada no espaço.

Abriu-se uma grande escotilha pela qual foi aspirado o piloto e sem que ele estivesse muito seguro do que se passava, foi envolvido inesperadamente numa grande escuridão. Quando a sua vista se foi pouco a pouco habituando à escuridão que o rodeava, distinguiu vagamente três formas estranhas brilhantes, parecidas a «umas coisas» cilíndricas e verticais que lhe lembravam três enormes espargos metálicos. Uma destas «coisas» pôs-se em movimento e avançou. Reagan, atemorizado, tentou retroceder mas, de repente, notou um cu-

A verdade sobre os DISCOS VOADORES

6 Aterradora história de um piloto capturado POR UM DISCO VOADOR

Adaptado por L. Navarro Cruz de "Blackout sur les Soucoupes Volantes", de Jimmy Guieu

Direitos reservados da Agência SELIT — Direitos para Portugal do JORNAL DO ALGARVE

rioso perfume, muito agradável parecido a flores com ozono (2), ficando surpreendido por ele exercer sobre si um efeito de estimulante ou melhor uma acção calmante. O seu receio desapareceu e conservou os olhos abertos com toda a tranquilidade olhando um pequeno ponto azul que brilhava a uma distância indeterminada, mas que lhe parecia próxima dos seus olhos. Mais tarde, sem poder avaliar a duração do fenómeno, teve a consciência de ser colocado num sítio muito agradável. Reagan palçou com a mão o sítio onde estava deitado: era frio como o metal, mas não tinha a rigidez deste, parecia mole. Notou que a sua pulsação era normal e na obscuridade que o rodeava esperava... escutava, intrigado, mas estranhamente tranquilo.

«Como se encontra, homem?» Esta voz surda e grave dava a impressão de sair de um alto-falante. Não tinha expressão, era monótona, seguida... e num inglês perfeito!

«Não responda. Falarei eu sómente. Vimos de outro planeta e lamentamos sinceramente as circunstâncias involuntárias do choque do nosso «veículo» com o seu. Estávamos aqui apenas para observar a vossa civilização... (uma pausa)

ISOLANTE ALEMÃO W F F

Para infiltrações de humidades, salitres e fumos.

Agente no Algarve: CIRILO LARANJEIRA Telefone 754 — FARO

primitiva. Não queremos que as nossas actividades interfiram com as vossas, nem de qualquer modo com a vida dos homens. Não podemos substituir o seu «veículo». Quanto a si examinámo-lo e não está ferido; no entanto corrigimos uma «anomalia» no seu corpo, bastante comum nos seres da sua espécie. Chama-se... cancro».

Um cancro! Fred Reagan horrorizou-se com esta revelação. Teria tido um cancro realmente? Essa anomalia comum da espécie humana teria sido realmente corrigida por estes... ocupantes da astronave? As ideias chocavam-se no seu espírito.

«Oferecemos-lhe isto «em reparação» da perda que lhe causámos. Agora vamos deixá-lo na superfície do seu planeta e aconselhamos-lhe, para sua própria tranquilidade, que não divulgue o que lhe aconteceu. Ninguém o acreditará...»

Houve um silêncio e pela última vez a voz misteriosa repetiu: «Acredite na nossa bondade»...

Depois um breve «clif» e Reagan não apercebeu mais nada que uma espécie de zumbido, possivelmente da máquina. Ficou ali sem saber o tempo que decorria. Notou que a vibração se intensificava, até assumir uma forma aguda... De repente, diante dos seus olhos, apareceu movendo-se o minúsculo ponto azul, brilhante... e o piloto caiu inconsciente. Quando abriu os olhos novamente encontrou-se num quarto claro e próximo dele um homem parecido a um médico, acompanhado de uma espécie de enfermeira e vários homens mais que o olhavam intrigados. De princípio não reconheceu ninguém, mas pouco a pouco deu-se conta de que estava entre pessoas que conhecia. Algumas perguntaram-lhe como podia ter escapado da morte, como era possível encontrar-se ileso milagrosamente depois da catástrofe do seu aparelho e como é que não havia rebentado ao cair no campo onde o

encontraram. Comunicaram-lhe que não muito longe dali o motor do «Piper Cub» tinha feito um buraco na terra.

Radiações extremamente fortes ocasionaram a morte do avião

Esquecendo-se das advertências feitas pela «voz», Fred Reagan disse a verdade, explicando com toda a minuciosidade a sua aventura... mas ninguém o acreditou. Reagan jura, certifica, insiste, dá a sua palavra de que é a verdade, mas é tempo perdido; finalmente acabam por se rir do infeliz piloto. Alguns insinuavam que o choque lhe tinha abalado a razão...

Finalmente ele próprio chega a duvidar e tenta esquecer tudo. Mas os pormenores eram demasiado precisos para esquecer o fantástico episódio da sua vida; era-lhe impossível esquecer. Fred Reagan, terrivelmente afectado por esta situação, teve que ser internado num asilo de alienados em Atlanta, onde morreu um ano depois, em 16 de Maio de 1953.

Infeliz! reconheceram os cépticos e os detractores. O desgraçado enlouqueceu. Tinha inventado esta pequena história. Esquizofrénia

clássica, mania da grandeza, etc. No entanto a sua morte foi bastante «anormal» e como se tratava de um caso de loucura fez-se-lhe autópsia. O resultado dessa autópsia deixou perplexos os que a efectuaram:

A morte de Fred Reagan tinha sido provocada por uma degenerescência dos tecidos do cérebro em consequência de radiações atómicas extremamente fortes.

Mas jamais Fred Reagan tinha sido submetido — na Terra — a um tratamento de cura do cancro por meio de radiações... pela simples razão de ignorar que padecia desta doença. Além disso nunca tinha ido a qualquer sítio onde houvesse uma pilha atómica.

Em face disso toda a gente quis saber como é que Fred Reagan tinha podido morrer de uma radiação atómica, sabendo-se que nunca se fez — na Terra — um tratamento deste género.

«As autoridades são incapazes de oferecer uma explicação», concluiu o comunicado reproduzido por «Acção» (revista) no número do mês de Maio de 1953, que inseria a notícia.

Evidentemente as citadas autoridades tinham negado categoricamente a incrível aventura contada pelo piloto (e naturalmente o tratamento anti-canceroso a bordo da astronave) e as suas conclusões não podiam ser diferentes. Só restava a versão dada pela vítima que poderia explicar a causa da morte. E'

possível que os ocupantes da astronave lhe tivessem administrado uma dose de radiação demasiado forte a qual, ao cabo de um ano, lhe causou a morte por degenerescência dos tecidos do cérebro. Estes ocupantes pertenciam à categoria dos «pacíficos», mas a sua intervenção benéfica teve mau resultado (talvez por uma diferença fisiológica que eles ignoram na constituição do homem em relação a eles? É possível que esta diferença tenha sido a causa, pois um tratamento normal para eles talvez seja demasiado forte para os habitantes da Terra).

Caprichosa movimentação de um Disco

No mesmo mês de Julho, mas no ano de 1954, às 12,27, em Gardanne (Bouches-du-Rhône), seis pessoas viram um «ponto brilhante» que descia em vertical rapidamente, tomando o aspecto de um Disco cor de alumínio. Depois diminuiu a sua marcha e oscilou ligeiramente sobre si mesmo, apresentando a sua face central que, em contraste com o «polido metálico» da sua parte superior, oferecia uma cor cinzenta. Depois tomou o rumo Oeste, ascendendo em espiral e expelindo uma ligeira coluna de fumo da sua periferia.

As testemunhas observaram que, a certa altitude, a cor mudou para castanho, até que desapareceu. Uma das testemunhas era um aviador considerado pessoa instruída e séria e que chegou à conclusão de que a descida em vertical assim como a viragem tão fechada e depois a ascensão, «como rodando sobre os bordos», até formar espirais, eram manobras desconcertantes que foram realizadas num período de tempo de um minuto aproximadamente. E desde logo não se podia admitir que fosse um balão-sonda ou um helicóptero.

Ah! Se os meteoros pudessem subir e descer em espiral, que fácil seria explicar tudo! Mas todos sabemos que os meteoros não podem praticar estas excentricidades! Isto é naturalmente admitido por toda a gente — incluindo os astrónomos — apesar de para eles os Discos Voadores serem na sua maior parte... METEOROS.

Continua na 4.ª página

(1) — Veremos mais adiante que numerosas pessoas — em França, principalmente — foram paralizadas por um raio emitido de um Disco Voador ou pelos seus ocupantes quando aterraram.

(2) — Também mais adiante e acerca deste gás faremos notáveis revelações.

CORREÕES

Para debulhadoras, de 22 e 24 metros, nacionais e estrangeiros. Entrega imediata. VALADAS, Lda. — Largo do Mercado, 29 — FARO.

ALCAPARRAS CALDA DE TOMATE DESPERDÍCIOS DE ALGODÃO

e todos os materiais para as

INDÚSTRIAS DE CONSERVAS E PESCA

Pedidos à

Soc. Rep. Industriais "SOTALGARVE", L. DA

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

JOGOS FLORAIS de S. Pedro, no Montijo

Rádio-programa ao serviço do Montijo vai realizar um torneio relâmpago de jogos florais sobre as festas de S. Pedro naquela vila. O torneio termina em 1 de Julho e aceitam-se produções em prosa, verso e fotografia, sendo obrigatório como tema as festas populares de S. Pedro no Montijo.

O mote é o seguinte: São Pedro, bom pescador É a ti que me dirijo P'ra que pesques meu amor Lá nas Festas do Montijo!

A correspondência deve ser enviada para a redacção de «Festa» — Rua de Santo António da Glória, 6, 2.ª B — Lisboa.

"SLAVIA" O MOTOR DIESEL QUE LHE DARÁ TRANQUILIDADE

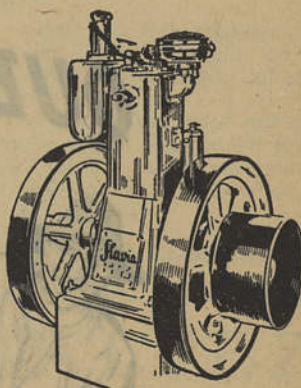
A baixa e média rotação de 5 a 200 HP

PEÇAS DE RESERVA EM STOCK

BOMBAS PARA REGA

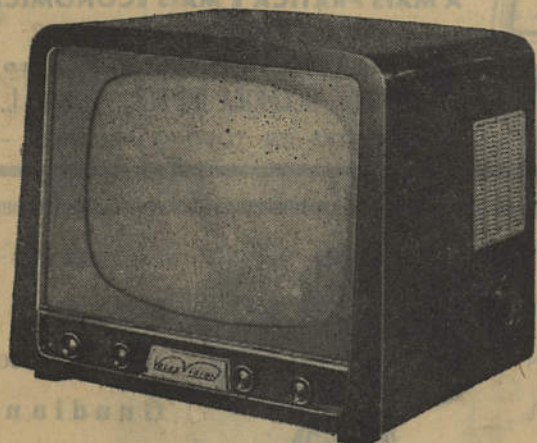
ENTREGA IMEDIATA

Representantes exclusivos:



MAQUINAS DE PRECISAO Lda

VOLKSWISION O TELEVISOR DO POVO



O EXPOENTE MÁXIMO DA TÉCNICA ALEMÃ

desde 5.945\$00

ou

272\$50 por mês

com a garantia da Rádio Televisão Portuguesa

| | |
|--------------------------|---------|
| Em 24 prestações mensais | desde |
| | 272\$50 |
| | 364\$40 |

Ecran de 43 cms. 5.945\$00
Ecran de 55 cms., com telecomando tripla 7.950\$00

DISTRIBUIDORES NO CENTRO E SUL DO PAÍS:

RÁDIO STAR

RUA DE S. NICOLAU, 56 LISBOA TELEFONE 29637

ACEITAM-SE AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO ALGARVE

Kelvinator



DE CLÁSSICAS LINHAS DE IMPRESSIONANTE BELEZA

DE APROVEITAMENTO TOTAL DE TODA A SUA CAPACIDADE DE ALTO A BAIXO

DE TÉCNICA INSUPERÁVEL

num conjunto de real valor, harmónico e utilitário mantendo assim de direito o seu renome mundial

Preço SENSACIONAL ESCUDOS 6.230\$00

CORRENTE 220 V SEM TRANSFORMADOR

Em exposição no distribuidor exclusivo para o Algarve

MOD CK 12 G4 — 4,5 p c = 127 litros

CASA DO RÁDIO

DE ANTONIO DIAS RODRIGUES

Rua Vasco da Gama, 6 e 8 — FARO — Telefone 630

Agentes gerais: A. C. Torres Fernandes — Trav. Carvalho, 37-2.º — Telef. 26021/2, 24555, 20474 — LISBOA

SEM SABER NADAR

um maquinista da C. P.

lançou-se à água para salvar um garoto

EMBORA a ocorrência se tivesse verificado na última semana, não queremos deixar de arquivá-la nas nossas colunas pelo alto exemplo de humanidade que encerra.

Joaquim Manuel Madeira Feliciano de 8 anos, filho do sr. Joaquim Pereira Feliciano e da sr.ª D. Otília dos Mártires Madeira, residentes em Vila Real de Santo António, ao brincar descuidado, junto à ribeira da Carrasqueira, caiu à água no sítio conhecido pela Barquinha. Aos gritos aflitivos acudiu o sr. Manuel Fernandes Curriel, de 42 anos, maquinista da C. P. residente em Faro que se encontrava pescando próximo do local e num acto de abnegação se atirou à ribeira. Como não sabia nadar foi arrastado juntamente com o menor. Surgiu então o cabo de cantoneiros da Junta Autónoma de Estradas, sr. Joaquim Luis dos Santos, residente em Castro Marim, que, lançando uma corda e cintos, conseguiu, a muito custo, salvar as duas vidas, quando já se previa que iam perecer, pois a corrente, ali, é fortíssima.

Tubos de borracha e plástico

Nacionais e estrangeiros para todos os fins.

VALADAS, Lda. — Largo do Mercado, 29 — FARO.

Os C. T. T. no Algarve

Foi transferida, a seu pedido, da C. T. F. de Vila Real de Santo António para Lisboa, a telefonista de reserva sr.ª D. Maria de Lurdes dos Santos.

Foi nomeado, a título provisório, carteiro provincial de 3.ª classe, para a C. T. F. de Lagos, o sr. Eduardo da Conceição.

Moradias no Algarve

Terrenos para construção nos melhores locais junto ao mar em Lagos e em Sagres. Trata José Henrique Martins — LAGOS.

NECROLOGIA

D. Elvira Trindade Azevedo Vaz Velho

FARO — Faleceu nesta cidade, a sr.ª D. Elvira Trindade Azevedo Vaz Velho, de 77 anos, viúva de João Machado Vaz Velho. Era natural de Villanueva de Castillejos (Espanha), mãe das sr.ªs D. Catalina Azevedo Vaz Velho e D. Maria da Encarnação Vaz Velho de Almeida Lopes, casada com o sr. dr. Hortêncio de Almeida Lopes.

D. Maria Bárbara

Com a provecta idade de 102 anos, faleceu em S. Brás de Alportel a sr.ª D. Maria Bárbara. A extinta, que era muito considerada em toda a região, exerceu durante cinquenta anos o cargo de administradora da casa de caridade daquela vila.

Também faleceram:

Em LISBOA — o sr. Mário Francisco dos Santos, de 79 anos, natural de Portimão, viúvo, maquinista da Marinha Mercante. Era pai das sr.ªs D. Brites Gisela Guerra Santos Branco, enfermeira-chefe dos Hospitais Cívicos de Lisboa, e D. Antónia da Piedade Guerra Santos Matos e do sr. António Francisco Guerra Santos, subchefe da P. S. P.

— a sr.ª D. Maria da Conceição Mendes, de 43 anos, natural de Loulé, filha do sr. José Mendes do Vale.

— o sr. Adolfo José dos Santos, de 66 anos, natural de Portimão, casado com a sr.ª D. Águeda Conceição dos Santos.

As famílias enlutadas apresenta *Jornal do Algarve* sentidos pésames.

Prédio de rendimento

Vende-se na rua principal de Olhão, rés do chão e 2 andares, servindo para pensão ou outro ramo de negócio. Trata Florentino Topa — Olhão.

«Reboques»

Para tractores agrícolas, «jeeps» e outros, constrói, modifica e repara. Trata da obtenção dos livretes. Oficinas Alvo — Estrada de Alvor — Portimão.

DISCOS VOADORES

Continuação da 3.ª página

Um Disco Voador observado por um aviador suíço

No decorrer do mês de Agosto de 1954 as aparições de Discos Voadores foram frequentíssimas. Viram-nos no Canadá, na região de North Bay, na França, na Alemanha, em muitos países. Entre todas as observações merece destacar-se a que foi descrita pela publicação «Die Tat», de Zurique, pois trata-se de uma observação minuciosa de um desses «misteriosos objectos».

No sábado, 7 de Agosto de 1954, por volta do meio dia, os cidadãos de Zurique, reputados de não terem excessos de imaginação no que observam, notaram no céu um objecto difícil de identificar. Entre os que observaram o mesmo encontrava-se um 1.º tenente da aviação helvética; dispunha de uns bons binóculos militares e estudou atentamente o «objecto voador misterioso», mas de modo consciente. Depois dirigiu às autoridades mili-

tares competentes de Berna, o relatório seguinte:

«Observação de um Objecto Voador Desconhecido (O. V. D.). Considero do meu dever levar ao conhecimento de V. Ex.ªs esta informação:

Data: sábado, 7 de Agosto de 1954. Lugar e hora: Zurique, 16 horas e 15 minutos.

Tempo: 5/8 coberto. Altura: nuvens a uns 1.300 metros.

Vento: Oeste de uns 60 km/h, ao nível das nuvens.

Altitude do O. V. D.: imediatamente sob as citadas nuvens.

Duração da observação: à volta de um minuto, com binóculos militares.

Informação: Da janela do meu quarto, situado próximo da Praça de Schafhouse, estava observando uns aviões particulares que evoluíam sobre a cidade. De repente vi um balão de criança que o vento arrastava em direcção Oeste, para as bandas do lago, ganhando altura sem cessar e naturalmente tornando-se cada vez mais pequeno, até chegar a ser um ponto minúsculo. Foi então que vi na mesma direcção do balão um Disco escuro do tamanho de uma moeda de um centimo, que estava precisamente sob o tecto de nuvens.

«De princípio supus que era outro balão, mas muito maior. Mas notei um pormenor curioso: o Disco não levava a mesma direcção do vento, andava ao contrário das nuvens. Apanhei os binóculos e observei o que se segue:

«O feitiço do O. V. D. parecia-se extraordinariamente a um prato colocado ao contrário. A sua espessura era de 1/6 do seu diâmetro. Distingui-se nitidamente uma grande coroa em redor da superfície circular cujo diâmetro representava aproximadamente metade do diâmetro do objecto. Não me foi possível determinar se no interior da superfície circular havia alguma parte oca ou não. A cor da grande coroa mudava quase constantemente, passando do prateado ao róseo e depois ao azul. A pureza das cores era extraordinária. Quando

a cor atingiu o vermelho, os contornos do Disco pareciam imprecisos e incandescentes: no entanto ficavam visivelmente delimitados quando a cor era prateada ou azul.

«O Disco cabecava ligeiramente seguindo o seu eixo vertical, tal qual como o faria um pião. Com intervalos de uns quatro segundos aparecia por detrás do Disco uma espécie de fumo azulado que se dispersava rapidamente no ar. Depois de ter observado os seus movimentos durante cerca de um minuto e julgando que se conservaria ainda algum tempo visível, dirigi-me ao telefone para chamar um amigo. Momentos depois, quando voltei à janela, o Disco tinha desaparecido. Continuei olhando atentamente com os binóculos aqueles sectores do céu onde provavelmente devia estar. De repente, num pequeno claro distingui um pequeno ponto brilhante.

«É muito difícil calcular a espessura do Disco, no entanto não creio que seja superior a 15 metros. Na escala dos meus binóculos ocupava quatro gradações. Tendo em conta o ângulo de observação de 25º aproximadamente e a altura do Disco, o cálculo permite concluir com a mesma cifra, ou seja uns 15 metros.

«No mesmo dia, por volta das 22 e 30, os meus contêrneos de Zurique notaram nas proximidades do aeródromo de Kloten, um ponto muito brilhante que de princípio julgaram ser uma estrela. De repente o ponto elevou-se verticalmente, mudando de branco-amarelado para vermelho, para tornar de novo à cor branca. Passados uns momentos tomou grande velocidade dirigindo-se para o seu lado direito e acabando por desaparecer. Decorreram uns minutos e de novo reapareceu, mas desta vez a uma velocidade fantástica em sentido oposto, até que desapareceu definitivamente».

Esta informação clara e precisa é perfeitamente eloquente. O seu autor dificilmente poderia passar por um «débil mental» ou um alucinado. Creio até que os mais cépticos têm que render-se ante a evidência de que se tratava de um Disco Voador. Assim o deixaram transparecer as autoridades helvéticas em «La Feuille d'Avis de Lausanne», de 24 de Agosto de 1954 que diz:

«... Desde há vários anos, o Serviço de Aviação da D. C. A. do Departamento Federal Militar tem reunido documentação e observações até constituir um processo, o qual submetido a exame critico profundo, parece reunir elementos de um problema bastante complexo.

«Neste estudo há uma ou duas informações acerca de cujo crédito não se pode duvidar. Os seus autores deram um carácter profissional à sua informação — trata-se de um dos primeiros aviadores documentados e instruídos em meteorologia e que não confunde um balão-sonda com um aparelho voador — que dão garantias suficientes. O estudo merece ser continuado».

Estes casos são bastante interessantes; no entanto no próximo artigo narraremos uma série de fantásticas ATERRAGENS — francamente espectaculares.

(Copyright by Jornal do Algarve)

O próximo artigo intitula-se: Aterragem de Discos.

ARRENDAR-SE

Propriedade, no sítio de Piães (Marim), muito arborizada, com boa terra de semeadura. 40 jeiras de sequeiro e 10 de regadio. Tratar com Vitoriano de Brito Barrote, Rua Vasco da Gama, 6 — Olhão.

VENDE-SE

Lote de terreno no sítio do Lazareto, confrontando ao Sul com a estrada da Mata. Informa-se na redacção do «Jornal do Algarve».

ABANDONO

Flor que se coje y abandona, y no se cuida com cariñoso amor. Olvidada en algun precioso jarro, desfallecerá de pena y de dolor.

Pajarillo que ciérrase en la jaula, privandole de su ansiada libertad. Cantará con pena y amargura, para que nos mueva su canto a caridad.

Hijo que su madre no cuida, olvidandose que es algo de su ser. Malogra la vida de su hijo, haciendole llorar y padecer.

Así está la pobre de mi alma, perdida y abandonada en un rincón. ¡Con tantas almas que pasan por mi lado, y a nadie les mueve a compasión!

Ayamonte

Maria E. Dias do Carmo

Cine-Clube de Vila Real de Santo António

A 34.ª sessão do Cine-Clube de Vila Real de Santo António é preenchida pelo excelente filme de John Ford «O sol nasce para todos» e realiza-se na sexta-feira no Cine-Foz.

Cine-Foz

DOMINGO, Ginger Rogers em «A bela estranha». (Para 17 anos).

TERÇA-FEIRA, para cumprimento da Lei de Protecção ao Cinema Nacional, «Fado», com Amália Rodrigues e Virgílio Teixeira. (Para 17 anos).

QUINTA-FEIRA, «O vestido esfarrapado». (Para 17 anos).

CASA

Vende-se, acabada de construir, com oito divisões, varanda e amplo quintal, situada na Avenida Projectada (Horta Planchard) em Vila Real de Santo António. Recebe propostas João da Cruz, Rua Camilo Castelo Branco, 12 — Vila Real de Santo António.

Festa artística

de alunos da professora

de piano

sr.ª D. Maria Vitória Correia

NUM ambiente de delicada e cativante familiaridade, realizou-se, no domingo, uma pequena mas interessante festa artística em casa da sr.ª D. Maria Vitória Correia, ilustre e proficiente professora de piano, em Vila Real de Santo António. No sua sala de música e por entre gládolos, cravos e rosas, as caritas alegres e vivas dos seus infantis discípulos denunciavam a excitação natural, que antecede um primeiro contacto com «o público». É que entendeu a sua professora e muito bem, sacudir-lhes a poeira do acanhamento aliás natural, entre artistas incipientes, trazendo-os das margens do Gilão às do nosso Guadiana para os fazer tocar na presença de estranhos, embora podendo beneficiar dos olhares animadores das mães e dos papás. E o programa cumpriu-se integralmente, ouvindo-se com agrado. Maior ou menor firmeza aqui ou ali, na execução dos números inteligentemente escolhidos para as suas pequenas mãos, suas diminutas idades e reduzido tempo de estudo: escassos meses. Impressão geral, muito boa. Por tal, parabéns aos executantes, meninas Ana Paula Vilhena Guerreiro, Maria da Conceição Mansinho, Maria Luísa Viegas Cesário e menino José João Ponce Castanho, bem como a D. Maria Vitória Correia. Não estão os novos músicos em idade que permita entre eles lançar o «suave veneno» da imulação, que os não beneficiaria por enquanto, podendo até prejudicar o seu espírito de bela camaradagem.

Satisfizeram inteiramente a assistência e a sua professora, embora esta, não completamente, o que é natural. A pedido dos presentes, a sr.ª D. Maria Vitória executou música de Chopin, com a maestria e correcta interpretação que lhe é habitual, do extraordinário compositor. Seguidamente, foi servido aos presentes um finíssimo copo d'água, rivalizando a sua qualidade e bom gosto, com a gentileza e atenções de D. Maria Vitória e de sua família, como ponto final de uma tarde a todos os títulos encantadora.

Álvaro Guerreiro

O Ensino no Algarve

Exonerações Foi exonerada, a seu pedido, a sr.ª D. Maria João de Jesus Frade, professora da escola feminina de Cachopo (Tavira).

Colocações

As regentes do quadro de agregados, sr.ªs D. Ilda Maria, D. Ana Fernandes Custódio, D. Maria Martins Sequeira, D. Adília Maria Benedita Mestre, D. Adosinda dos Anjos Simão e D. Maria Cirilo Silvestre, foram colocadas em postos escolares.

Também foi colocada, em comissão, na escola masculina de Ferreiras (Albufeira) a sr.ª D. Ermelinda das Dores Afonso.

Nomeações

Foi nomeada regente de curso de educação de adultos para o 11.º curso feminino do Grémio dos Indust. de Conservas de Peixe de Sotaventado do Algarve, em Olhão, a sr.ª D. Maria Eugénia Pereira Mimoso.

Foi também nomeada regente de curso de educação de adultos, a professora sr.ª D. Maria da Natávida de Pereira Neto, para o femininoda Fuseta.

Para os postos escolares: de Romeiras (Monchique); de Monte da Fuseta e de Balurcos (Alcoutim), foram nomeadas, respectivamente, as regentes sr.ªs D. Isabel da Silva Rodrigues, D. Lídia Antónia Gaspar e D. Maria Florência Carlos.

A MARCA QUE PRODUZ OURO



NITRATO DA NORUEGA

SERVIÇO AGRONÓMICO DO NITRATO DA NORUEGA

Largo do Andaluz, 15 — Telef. 731869 — LISBOA

Representante:

Importador:

Sociedade Permutadora, S. A. R. L. ♦ Soc. Comercial de Fertilizantes, S. A. R. L.

Av. da Liberdade, 190

Rua Augusta, 118

LISBOA

LISBOA

Advertisement for SIMRAD-Mestre panoramic vision device, highlighting its practicality and economy.

Advertisement for CAPA products, including SARDINHA, ANCHOVAS, CAVALA, BONITO, and CARAPAU, with a list of agents in Vila Real de Santo António.

Festival de ginástica em Vila Real de Santo António

É o seguinte o programa do festival de ginástica que no dia 21, como temos vindo noticiando, se realiza no salão nobre da Capitania do Porto, para apresentação das

Jorge Pais Lobo e Francisco Paula Brito foram os vencedores da 1.ª gincana de motos e «scooters» realizada em Olhão

Conforme tínhamos anunciado, realizou-se no Estádio Padinha, promovida pela Comissão Angariadora de Fundos do S. C. Olhanense, a 1.ª Gincana de Motos e «Scooters», presenciada por numerosa assistência. A competição agradou plenamente, entusiasmando o público, pois os concorrentes eram de bom valor, tanto em pericia como em velocidade de execução, na transposição dos obstáculos que a prova exigia.

Classificações finais:

Motos: 1.º, Jorge Pais Lobo (Taça Casa Sócios); 2.º, António Hilário (Taça Ideal); 3.º, Mário M. Pires, (Uma bateria Tudor).

«Scooters»: 1.º, Francisco Paula Brito (Taça Casa Guita); 2.º, Jorge Pais Lobo (Taça Topázio); 3.º, Humberto Ferreira e Eduardo C. Pires.

Estes concorrentes, por terem ficado empatados em pontos, disputam amanhã uma prova complementar, sendo atribuído ao vencedor um farol, oferecido pela firma Micro-motor, Lda.

3.ª Gincana para automóveis

Realiza-se amanhã, promovida também pela Comissão Angariadora de Fundos do S. C. Olhanense, a 3.ª Gincana para automóveis, à qual poderão concorrer senhoras, devidamente documentadas, sendo a sua inscrição grátis.

classes do Clube Náutico de Vila Real de Santo António:

I — Apresentação das classes; II — Classe infantil mista: Diversos exercícios e Ginástica infantil; III — Classe de rapazes (13 a 17 anos): Ginástica educativa e Saltos primários de plinto; IV — Classe de senhoras: Ginástica educativa rítmica e Exercícios com maças indianas; V — Classe de homens: Ginástica especial e Exercícios de mãos livres; VI — Classe de homens (aplicada): Exercícios em paralelas; VII — Saltos de plinto. A encerrar a festa realiza-se um animado baile.



COLUMBOFILIA

Prova Gaia - Cabanas

Teve o seguinte resultado a prova realizada pelo Grupo Columbófilo Cabanense, entre Gaia e Cabanas:

1.º, José das Chagas; 2.º e 3.º, José Paulino Peres; 4.º, José Viegas Ramos; 5.º, Zacarias das Chagas.

FESTAS POPULARES na Alameda, em Faro

PODEMOS informar desde já os nossos leitores de que está assegurada a realização das festas a S. João e S. Pedro, nas noites de 23, 24, 28 e 29 deste mês, na Alameda João de Deus, em Faro.

Este ano vão ser levadas a efeito por uma comissão de sócios do Sporting Clube Farensense e o programa está a ser elaborado dentro do maior cunho popular. Estão previstas exposições de marchas populares, de ranchos folclóricos e de atrações nacionais. Haverá fogos de ar-

ACTUALIDADES

DESPORTIVAS

F U T E B O L

Campeonato Nacional da III Divisão

O Unidos Sambrasense tem o passaporte visado para a II Divisão...

Mais um ano passou e o popular Silves ficou...

O futebol, foi, é e continuará a ser uma luta emotiva que contagia os mais cépticos, abalando os nervos dos mais entusiasmados. Em S. Brás, o Unidos não ganhou para o susto, assustando os seus adeptos, com a igualdade que o Elvas teimava em impor. Igualdade que seria a punhalada mestra nas suas aspirações, esboroando num só golpe as lutas e canseiras de tantos meses de trabalho árduo. E os sustos

sucediam-se em Silves e Campo Maior, aguardando o tropeço do Unidos, que proporcionaria a passagem do Silves à terceira fase. Mas ao fim e ao cabo tudo correu normalmente. O Unidos ficou com o passaporte visado para a II divisão — acreditamos que a «fronteira» lhe será franquiada — e quando lá chegar, a fábrica de fogos de artifício dos Vilarinhos, não vai ter existência para assinalar o facto. A festa vai ser de arromba!!! O popular Silves não conseguiu mais do que um segundo posto, igual ou parecido a tantos outros que a equipa tem logrado ao longo destes anos em que procura guindar-se, por mérito próprio, ao lugar a que tem jus. E os nossos parabéns vão para o Unidos pela brilhante prova que tem vindo a realizar, desejando-lhe — como algarvios que somos — a sua vitória final. E não podemos deixar de felicitar o Silves, sendo como foi o grande animador da prova, e por mais uma vez ter sabido ser o digno vencido que foi.

CLASSIFICAÇÃO FINAL

| | J | V | E | D | B | P |
|----------------|---|---|---|---|-------|----|
| Unidos . . . | 6 | 5 | 0 | 1 | 16-7 | 10 |
| Silves . . . | 6 | 4 | 1 | 1 | 11-1 | 9 |
| Elvas . . . | 6 | 1 | 1 | 4 | 11-12 | 3 |
| C. Maior . . . | 6 | 1 | 0 | 5 | 3-21 | 2 |

3.ª fase (zona Sul)

UNIDOS — Sacavenense

Este jogo realiza-se amanhã, pelas 17 horas, em S. Brás, jogando-se a segunda mão no campo do Sacavenense.

O Sevilla joga em Faro

Aproveitando a deslocação do Sevilla a Setúbal, o Farensense realiza em Faro, no Estádio de S. Luís, na terça-feira, uma partida sensacional frente ao fogoso quadro andaluz. O «onze» do Sevilla, que no final do campeonato da Liga Espanhola realizou uma recuperação verdadeiramente notável, desloca a Faro o seu primeiro «team», que é formado por verdadeiras vetetas do futebol espanhol.

Os presos mais caros do mundo

Rudolf Hess custa 227.000 marcos por ano Boatos em torno dos «três últimos de Spandau»

BERLIM — Correm boatos, transformados levemente por alguns jornais em notícias, sobre uma possível dissolução da prisão mantida pelos aliados da Segunda Guerra Mundial em Spandau. Afirmou-se que os antigos chefes nacional-socialistas Rudolf Hess, Baldur von Schirach e Albert Speer, condenados como criminosos de guerra, seriam postos em liberdade ou transferidos para a prisão de Werl, na Alemanha Ocidental. Neste contexto publicaram-se pormenores sobre o alojamento e a vida quotidiana dos três condenados e, sobretudo, sobre as despesas consideráveis que a prisão de Spandau acarreta.

Sete torres de vigia circundam o imponente edifício de tijolo, a antiga prisão militar de Spandau, transformada mais tarde em cadeia civil e cujos 600 «hóspedes» foram transferidos em Novembro de 1946, quando se pôs o problema de internar os criminosos de guerra. No dia 18 de Julho de 1957 sete homens transpuseram a soleira da cadeia de Spandau. Em obediência rigorosa à ordem da sua chegada, receberam os seus respectivos números. Eram eles: Schirach, Dönitz, Raeder, Speer, Funk, von Neurath e Hess. Três deles foram postos em liberdade por motivos de doenças graves antes de cumprida a pena e em 1 de Outubro de 1956, o ex-almirante-mor Dönitz, cumprida a sua pena de 10 anos. Atrás dos muros de Spandau continuam apenas o antigo representante do

(Especial para Jornal do Algarve)

«Führer», Rudolf Hess, de 53 anos, o ministro do Armamento e da Munição Albert Speer e o antigo chefe da Juventude Hitleriana e lugar-tenente de Hitler em Viena, Baldur von Schirach, que conta hoje 51 anos. Quando em Julho de 1957 se fecharam as portas da prisão de Spandau, estes homens puseram ponto final na sua vida pública.

Há mais de dez anos as quatro potências ocupantes alternam-se mensalmente na vigilância dos prisioneiros de Spandau. Cada potência nomeou um comandante no presidio, assim como um grupo de funcionários civis, destacando ainda uma unidade de tropas. Um funcionário e quatro auxiliares estão em serviço permanente dentro do bloco das celas, enquanto o grupo de edifícios interiores está sob a vigilância de uma guarda militar constituída por 40 soldados. Fora do presidio propriamente dito a vigilância foi confiada a uma companhia. Nada menos de 35 empregados alemães prestam serviço no escritório, na cozinha e na lavanderia. Enquanto as quatro potências ocupantes tomaram a seu cargo as despesas do seu pessoal, não tendo ainda divulgado cifras sobre o assunto, a cidade de Berlim paga os ordenados e salários do pessoal alemão e tem a obrigação de manter em bom estado o vasto edifício. No ano passado, por exemplo, foi indispensável proceder à reparação do telhado, o que elevou a des-



BASQUETEBOLO

O Farensense finalista da II Divisão

Farensense, 43 — Montijo, 31

O Farensense, derrotando o Montijo, classificou-se para a final, que será disputada em Lisboa frente ao Vasco da Gama, do Porto.

Vieirinha continua no Farensense?

talvez sim... talvez não... No entanto, tudo leva a crer que sim

QUANDO a direcção do Sporting Clube Farensense, no início da época transacta, decidiu confiar a orientação técnica das suas equipas a um elemento que pudesse acumular as funções de treinador com as de jogador, sistema que tem sempre os seus inconvenientes, os dirigentes do clube alvi-negro, fizeram re- cair a sua escolha sobre o ex-estorilista Vieirinha, então já ao serviço do Lusitano de Évora.

Conhecida a excelente carreira que um ano antes a equipa tivera sob a orientação do antigo internacional Quaresma, temos de reconhecer que a tarefa se apresentava difícil e dada as características do Nacional da II Divisão era necessário muito saber para que o clube de Faro igualasse, pelo menos, o que já fizera.

Pois, apesar de todas as contrariedades que surgiram no decorrer da temporada, e mesmo tomando em conta que Vieirinha iniciava a sua carreira de treinador, o quadro farensense voltou a impôr-se, demonstrando o novo técnico excelentes aptidões para tão difícil mister, e tanto assim que é desejo ardente de todos os farensenses continuarem a ver o já popular Vieirinha na orientação da equipa.

Porque o assunto se revestia de interesse, quisemos que o antigo internacional nos dissesse o que fora o seu primeiro ano como técnico e ao mesmo tempo fazer uma análise ao comportamento da sua equipa.

Com a sua proverbial gentileza o treinador do Farensense pôs-se inteiramente à nossa disposição e começámos o «baté-papo»:

Como surgiu a sua vinda para o Farensense?

— Só mais tarde eu pensava dedicar-me à tarefa de treinador. No entanto acabei por aceitar o convite que me fora feito. O meu receio em vir para Faro como treinador, fundamentava-se no facto de vir orientar uma equipa já com responsabilidades e que no ano anterior fora dirigida por um técnico que merecera o aplauso geral da massa associativa do clube.

— E pode o Vieirinha historiar o comportamento da sua equipa na prova que findou?

— Bem. Sobretudo na 1.ª volta a equipa não me inspirava ainda confiança, até porque só mais tarde en-

traram para ela Tarro e Vinagre. Tivemos porém a «chance» de não termos jogadores magoados. Depois, com a entrada daqueles dois elementos, ganhou-se «agressividade», visto que o que nos faltava eram jogadores que marcassem golos em relação ao futebol desenvolvido. No final da 1.ª volta e início da 2.ª, atravessou-se o melhor período, muito embora só por duas vezes pudesse apresentar-se a equipa-base: contra o Atlético em Faro, e em Coruche. Surgiram depois as lesões de Tarro e de Vinagre e o conjunto acusou ligeira quebra.

— E na 2.ª fase? — inquirimos: — Na 2.ª fase, depois do jogo em Guimarães, parece que a sorte nos virou as costas. Senão, veja:

O jogo em Faro contra o Covilhã, já com Tarro magoado, em que fomos nitidamente infelizes, e logo a seguir o desaire contra o Atlético, em que poderíamos ter ganho e acabámos vencidos pelo «score» de 7-2.

E continuou: Na segunda volta, as perspectivas, sem serem boas, eram difíceis. O jogo em «casa» com o Guimarães pelos incidentes nele ocorridos teve influência nos jogos seguintes, dado o «descontrolo» que gerou nos jogadores. Acabámos porém em bom plano dando uma noção mais exacta do nosso valor.

— E parece-lhe que a equipa poderá continuar a discutir o acesso à 1.ª Divisão.

— Creio que sim. Para tanto precisa manter os actuais jogadores e obter o concurso de dois ou três elementos de bom nível.

— E como jogador-treinador não teve problemas de ordem disciplinar?

— No campo da disciplina não cheguei a ter preocupações. De resto todos os meus problemas foram apenas os inerentes às minhas funções.

E a fechar lançámos a Vieirinha uma pergunta indiscreta:

— Continua no Farensense no próximo ano?

— Bem. Já tive algumas conversações com a direcção do Clube, mas por enquanto não há nada de positivo.

Por essa parte, quer-nos parecer que o actual técnico do grupo de Faro continuará no seu posto, muito embora, como nos disse, nada haja de positivo.

A. Encarnação Viegas

TALVEZ não saiba...

Que Fernão de Magalhães não terminou a sua viagem à volta do mundo porque foi morto pelos indígenas das ilhas Filipinas, onde desembarcou em 1521.

Que os primeiros guarda-chuvas do mundo, aparecidos no século XVII, mediam 1 metro e 25 centímetros de altura e, abertos, 3 metros e 50 centímetros de circunferência, sendo por isso mesmo considerados na época como um artigo de luxo, e ostentação.

pesa anual de cerca de 231.000 marcos para 385.000. Os peritos alemães calcularam que as despesas dos aliados devem ir um pouco além de 451.000 marcos por ano, de maneira que a despesa total será de 682.000 marcos ou sejam, números redondos, 227.000 marcos por cada um dos prisioneiros, ou 622 marcos por dia.

Dia e noite o grande edifício está submerso em silêncio. Ouvem-se apenas os passos cadenciados dos guardas e dos soldados. De vez em quando soa um comando. As palavras que os funcionários e os serventes trocam nunca chegam às três celas. Entre cada uma delas há uma cela vazia. Os três condenados podem ler e escrever às suas famílias. As 22 horas em ponto apagam-se as luzes. «Os três últimos de Spandau» são os condenados mais bem guardados, mas também, de longe, os presos mais caros do mundo.

Karlheinz Stephani



21 CX-211 A

◆ Dimensões da Imagem — 36 x 48 cms.

◆ Válvulas — cinescópio + 18 + 5 diodos de germânio

- ◆ Selector de canais equipado com válvulas de baixo factor de ruído próprio, adaptável à recepção em U. A. F.
- ◆ Cinescópio aluminizado com concentração electrostática automática.
- ◆ Circuitos de sincronização garantindo um alto grau de estabilidade da imagem.
- ◆ Circuitos de C. A. G. de alta eficiência.
- ◆ Selector música/palavra para regulação automática da reprodução das notas graves.
- ◆ Regulação automática da imagem: Selector de relevo para aumentar a vivacidade de imagens muito detalhadas. Selector de longa distância para a recepção na zona marginal com um mínimo de «neve».
- ◆ Reprodução sonora por um altifalantes de 8" com duplo corre, montado na frente do movel.
- ◆ Regulação contínua da reprodução das notas graves e agudas.

Modelos desde 5.950\$00 até 22.500\$00

Assistência técnica local e regional



PHILIPS
Televisão

Na Rua Cândido dos Reis, 49.
VENDE-SE COM CHAVE NA MÃO.
Trata Emilio Costa, Vila Real de Santo António, com reserva de entrega caso as ofertas não interessem.

A falta de pesca na costa do Barlavento justifica enérgicas medidas de fiscalização

Conclusão da 1.ª página

UMA CARTA DE A. SANTA CLARA

DO sr. A. Santa Clara recebemos uma carta cuja publicação nos solicita. Embora o assunto não tenha sido tratado no nosso jornal, dados os motivos alegados pelo seu autor, entendemos que a devemos inserir, sem que isto signifique aplauso a qualquer das partes em causa.

Se o insulto desse a razão a quem o emprega, não havia dúvida de que o simpático reverendo Raul Machado estava cheio de razão. Porque eu denunciarei a sua «pobreza de espírito», aquele senhor retribuiu-me o cumprimento chamando-me: «acaciano, boçal, escriba, espírito goro e nulo, criatura sem parcela de espírito ou de inteligência, débil mental, papa-gaio a dar-se ares de filósofo, possuidor de um estilo balofo e pobre diabo que se julga inteligente e perspicaz».

Ora muito bem. Deixemos de parte esta primorosa linguagem do nosso excelente e erudito reverendo e vejamos serenamente o que se passou. Tão serenamente quanto é certo que nem aquele senhor fica pobre de espírito só porque alguém assim o designe, nem eu passarei a ser débil mental só porque me chamem. Vejamos pois as razões — e só estas interessam ao leitor que julga — que me levaram a falar da sua pobreza espiritual e aquelas que determinaram o simpático reverendo a chamar-me todos esses nomes feios.

Eu chamei-lhe pobre de espírito porque, referindo-se num programa de televisão a um professor do liceu de Faro, fez-o de modo violento, agressivo, numa ironia descabida e desproporcionada no que revelou manifesta falta de senso, não tendo em conta que um programa de televisão é visto e ouvido por toda a gente e portanto, como de facto sucedeu, por alguns alunos do referido professor. Esta atitude — nada cristã — classificou-me eu como resultado de pobreza de espírito. O leitor que a julga e a classifique como lhe aprouver.

Vejamos agora a razão por que me chamou, de todos aqueles nomes feios. A resposta é breve e simples: chamou-me todos aqueles nomes feios por que eu lhe chamei pobre de espírito.

O leitor que continui a julgar-nos e a tirar as suas conclusões. O meu presente comentário poderia encontrar aqui. Mas eu não seria justo se não procurasse auxiliar o leitor no seu julgamento tentando descobrir no meu breve artigo matéria de culpa suficiente para merecer alguns desses feios nomes com que fui impiedosamente bombardeado. Ora, a verdade é que o artigo é tão pequeno, tão claro e tão simples, que, por mais voltas que lhe dê não consigo descobrir onde estão latentes ou evidenciados, todos esses defeitos que

se apontam ao seu autor. Tudo o que, sem forçar a nota, me parece que possa oferecer algum fundamento consistente de crítica, reside na afirmação de que o meu estilo é balofo. Não sei eu que o negue, embora me custe a compreender como é possível ajuizar de um estilo em tão breve trecho. Não o negarei portanto; mas como não gosto de deixar meus créditos por mãos alheias, vou ainda a ajudar o leitor referindo imodestamente o que, sobre esse estilo balofo, escreveram três conhecidos personagens da nossa vida literária. Desse estilo escreveu Elaine Saneau: «possui um talento despretensivamente admirável...» J. Gaspar Simões: «...páginas dignas de um consagrado profissional das letras. Narrador nato, admirável prosador.» José Régio: «...saborosa aliança de sensibilidade e ironia, além dum estilo, de dons de sensibilidade, de espírito, de estilo, de observação.»

Realmente caro leitor, é caso para se ficar perplexo.

A. Santa Clara

Portimão e o II Plano de Fomento

Conclusão da 1.ª página

ser votada, recebeu a confiança para desempenhar a missão que lhe foi confiada e ao tomar posse do seu cargo, contraiu a obrigação de velar pelos altos interesses de toda uma vasta região representada pelas entidades que a elegeram!

Repetimos: não deve ser esse o lado verdadeiro da causa. Assim, muito gostaríamos de ver este momento caso devidamente esclarecido, para evitar injustas apreciações e até mesmo para tranquilidade de quem vê, na reduzida verba de 5.000 contos, o abandono pelos Poderes Centrais, das obras em curso.

Não se pode de facto acreditar nesta hipótese e estamos cientes que o referido Plano, no que toca ao porto de Portimão, será revisto e devidamente posto no seu lugar e é de supor que as entidades oficiais e locais responsáveis, tenham já tomado medidas, como lhes cumpre, junto dos Altos Poderes, que certamente farão a justiça que o caso requer, a bem da Economia Nacional e a bem da Nação. Aguardemos pois.

M. Mergulhão

Farmácia de Serviço

De hoje até ao próximo sábado, está de serviço a Farmácia Carmo, Rua S. João de Brito, telefone 31.

A REVOLTA CONTRA OS FRANCESES há cento e cinquenta anos

Conclusão da 1.ª página

Indignado com a audácia do invasor, o coronel afastou o povo, rasgou o edital e lamentando a desgraça a que chegara o País, exclamou: «Ah! Portugueses, já não merece-

povo não desanimou e resolveu atacar o inimigo de surpresa. Sebastião Mestre explicou o plano aos paisanos, os quais, apenas munidos de seis cartuchos cada um, seguiram para a Ponte de Quelfes onde,

PROCLAMAÇÃO OU EXORTAÇÃO PASTORAL DO BISPO DO ALGARVE

Amados Filhos meus em JESU Christo, vos firmemente credes que este Senhor, Rei eterno, e Príncipe sobre todos os Reis da terra, Heitor Deus, e Nosso Salvador, he o Autor da Fé, e o Fundador da Santa Religião, que professamos nos Paes, e nós igualmente professamos. Este Senhor pois que nos promete (e não nos pode enganar por ser a Sima Verdade) que esta nossa Religião ha de ser eterna; e esta eterna, que também não em perpetua eternidade gozaremos dos frutos d'essa Aveza mysteriosa, se a conservarmos para, adorando a Deus em espirito e verdade, e a defendendo intrepidamente, dando por ella a nossa propria vida. O Fundador do Reino de Deus sobre a terra, he quem nos guia para a defensão como Nosso Supremo General: este Monarca infinitamente grande, cujo Reino não tem fim, he quem se dignou de estabelecer entre nós os Portuguezes o seu Imperio. Este Deus, que segundo o Profeta havia de reinar de mar a mar e até o fim da Terra, se qual valer de nós para levarmos o seu Santissimo Nome e a sua Fé e Religião por toda o Mundo. Este Senhor pois vai agora Capitaneando as nossas Tropas, as nossas Milicias, e a Nós todos, que nos lizo aprouver para pelexarmos em Mare, e se o inimigo temerario se atreue a procurarmos novamente. Se marcharmos contra elle, bom abeis que as nossas Bandeiras se ornão com os sinas da nossa Redenção; e que as nossas insignias são as maravilhosas cinco Cruzes, as trinta e tres estrelas, e o proprio Filho de Deus remio o Mundo: a sombra d'ellas sempre se projecta sobre os Portuguezes o seu Imperio. He por tanto necessario, que antes que para a batalha recolhamos as mysteriosas pedras do melhor David contra o gigante soberbo e cheio de presunção, ormos a Deus effacemente, para que aplacando a sua ira, nos assies contra os seus proprios inimigos, que profano quanto Deus tem de mais Espirito, como Deus pelexo e comore, uamos-nos em espirito de Religião, pois a guerra he contra o impio, e perseguidor da Igreja, e applicamos ao Senhor Deus da Exerecia que nos favorece com a sua Misericordia; uamos-nos resolutos a obedecer, e ser felis e logo tomemos as armas para vencer, defender, e até, se possível for, adquirir esse Reino eterno, O Imperio da Liberdade. Se vós, Filhos amados, vos unirdes como vos exhortamos, não o

F. Bispo do Algarve Governador interino das Armas.

Impressa nesta Cidade de Faro na Officina de D. José Maria Guerreiro.

mos este nome, nada somos já! «Estabeleceu-se então um profundo silêncio! — diz Alberto Iria, na «Invasão de Junot no Algarve» — A voz enérgica do velho governador parecia haver penetrado profundamente na alma daqueles rudes pescadores. Nunca ninguém lhes falara assim e tais palavras excitaram-lhes o brio patriótico. Por isso, em unísono, responderam com firmeza: «Somos ainda Portugueses e estamos prontos a dar a vida pela Religião, pelo Príncipe e pela Pátria.»

Era o primeiro dobre de finados para o domínio francês. A partir desse momento o povo de Olhão, orientado por aquele governador, Sebastião Martins Mestre, capitão do Regimento de Milícias de Tavira e padre António de Matos Malveiro, não mais deixou de fazer preparativos para a luta pela independência. Os sinos tocavam constantemente a rebate e novos e velhos, homens e mulheres, estavam em pé de guerra, armados de trancas, fijas, espadas velhas, espadins e pedras, tudo enfim que pudesse servir de arma de ataque contra os intrusos.

O coronel José Lopes mandou logo afixar uma proclamação incitando o ânimo patriótico dos olhanenses, ao mesmo tempo que mandava buscar duas peças de artilharia que estavam na barra de Armona e pedia armas ao comandante da esquadra inglesa que velejava entre Cádiz e a barra do Guadiana, armas que lhe foram recusadas. Valeu o expediente de Sebastião Mestre que, desiludido dos ingleses, correu a Aiamonte onde obteve da Junta Governativa da cidade 150 espingardas que chegaram a Olhão na noite do dia 17.

Os franceses de Faro souberam no próprio dia da revolta do povo de Olhão mas não fizeram qualquer tentativa para atacar a vila, aguardando a chegada das forças de Mértola, Vila Real de Santo António e Tavira. Entretanto correu em Olhão que tinham partido de Tavira, na manhã de 18, três caiques com soldados franceses. Imediatamente, para evitar a junção desta tropa com a guarnição de Faro, se aprestou um caique com gente armada, seguido de muitas lanchas, que saiu ao caminho dos franceses, aprisionando-os sem luta. E, pouco depois, entravam em Olhão prisioneiros 77 soldados, três oficiais de patente e um quartel-mestre, com bom espólio de armas e bagagens.

Seguiu-se porém grande alvoroço por se ter sabido que acabava de chegar ao termo de Moncarapacho um corpo inimigo de 185 granadeiros e caçadores de Vila Real de Santo António que pretendia juntar-se aos franceses de Faro para em conjunto acometer Olhão. O

embuscados, aguardaram a passagem dos franceses.

Por sua vez o coronel José Lopes tomava posições para a defesa da povoação do lado de Faro.

A espera na Ponte de Quelfes teria assumido proporções de vitória completa se não fora a precipitação dos patriotas. Estes deram sinal de si antecipadamente, o que levou o inimigo a acautelar-se, continuando a marcha em pelotões e fazendo fogo de retirada. Isso não impediu que tivesse trinta baixas, das quais doze feridos. Dos portugueses morreram um velho: o Pai Avó e dois rapazes.

A população de Faro ficou irritada quando soube que correria sangue português mas, apesar disso, não reagiu, o que agravou a situação dos olhanenses que teriam que se defrontar com as tropas francesas de Tavira e da capital do distrito. Conscientes do perigo, a quase totalidade deles passou a noite de 18 em barcos, na ria, enquanto outros se refugiavam na Fuseta.

Desejosos de evitar o ataque a Olhão, os franceses e os seus poucos serventários portugueses tentaram por todos os modos convencer os olhanenses a acalmarem-se e a submeterem-se à tirania do estrangeiro. Mas tudo foi inútil e nesta emergência teve papel de relevo o padre Malveiro que encorajando os seus paroquianos e fazendo crer aos franceses que dispunha de forças valiosas, desmontou o opressor que admitiu ter desembarcado em Olhão tropas inglesas da esquadra que pairava na costa. Para esta convicção contribuíram várias circunstâncias, uma delas o

facto das mulheres olhanenses usarem então umas mantilhas encarnadas que vistas de longe pareciam as fardas vermelhas dos ingleses; outra refere-nos o arceidiago de Tavira, Coelho de Carvalho, nestes termos: «Rodeiam Olhão pelo norte muitos valados cheios de pitelras; estas com o orvalho da manhã, dando-lhes o sol ao nascer, ficam com certo luzidio resplandecente, pelo que se persuadiram os franceses, à vista disto, observando com os seus óculos, que eram as armas das tropas inglesas». A acrescentar a estas providências circunscritas outra houve que auxiliou os olhanenses: os espíões que interrogavam as pessoas saídas de Olhão foram todos, felizmente, induzidos em erro com a falsa informação de que já estavam naquela localidade os ingleses.

Entretanto decorriam negociações dilatárias, chegou a notícia de que Faro se sublevava contra os opressores. Isto deu ânimo aos olhanenses e dois dias depois, a 21, estalava a revolta em Castro Marim e Vila Real de Santo António. O governador interino desta última praça, capitão Francisco Xavier Mimoso, saiu do quartel com o estandarte real e foi içá-lo na desaparecida bateria do Medo Alto, prestando-lhe a guarda de honra uma escolta de artilheiros.

O Algarve recobrava, finalmente, a liberdade e transmitia ao resto do País o entusiasmo e a bravura dos algarvios que baniram os franceses de Portugal.

Cabe ainda aos olhanenses a glória de terem levado ao Brasil, ao sr. D. João VI, a nova de que os franceses haviam sido expulsos do território português. Foi o caique «Bom Sucesso», do mestre Manuel Martins Garrocho, o portador da feliz mensagem.

Ao evocarmos esta página brilhante, escrita há século e meio pelo povo de Olhão, então gente muito simples — modestos e pobres marítimos — queremos exaltar a circunstância de que à sua bravura, ao seu anseio de liberdade e de independência, ficou Portugal a dever a sua libertação da tirania do invasor. E' uma efeméride que não podíamos deixar de assinalar — para orgulho dos olhanenses e para desvanecimento dos algarvios que se bateram pela liberdade e pela independência



Imagem de Santo António existente no antigo Compromisso Marítimo de Olhão e que presidiu à revolução local de 1808

da Pátria. Faz depois de amanhã 150 anos que isto aconteceu. Que os filhos de Olhão saibam honrar a memória dos antepassados que lhe conferiram a glória de os podermos e devermos hoje homenagear com um profundo sentimento de gratidão.

As gravuras que ilustram esta evocação histórica foram extraídas, com a de-

inconsistentes que nos destroem a criação?

Creemos que sim. Nas páginas do *Jornal do Algarve* temos apontado a necessidade imperiosa dos nossos governantes imporem uma melhor fiscalização no sentido da defesa da criação dos peixes, porque os processos antigos de fiscalizar são ineficazes. E repetimos: a fiscalização tem de ser rigorosamente feita no mar, porque é ali que se praticam as grandes destruições de peixe miúdo e é ali que é possível salvar essa grande riqueza.

Deixemos-nos de sentenças filosóficas e de opiniões optimistas de que a sardinha tem grande poder de procriação e, por este motivo, nunca faltará na nossa costa. Mas não se lembram esses técnicos que a sardinha tem para a sua destruição, um inimigo em cada peixe e ainda o pior de todos, por não a deixar crescer, é o pescador. E contra factos não há argumentos — o resultado está bem patente.

Meditemos agora um pouco nas consequências funestas ocasionadas pela falta de peixe, motivada pela imprudência de certos pescadores e pela deficiente fiscalização: — São as fábricas de conservas que, sobrecarregadas de pesadas contribuições, obrigadas à manutenção do pessoal no defeso, correm o risco, num futuro próximo, de fechar por não poderem suportar tão grandes encargos desde que não produzam; são os donos das traineiras (já não falamos nos cercos que deixaram de pescar por darem prejuízos) que terão de as vender ou pô-las em terra; são muitas centenas de pescadores que ficam desempregados e sem possibilidades de ganhar o pão de cada dia por não sabermos doutro ofício; são centenas e centenas de mulheres que não trabalhando nas fábricas deixam de ganhar o dinheiro tão precioso na época de Inverno; são centenas de compradores e revendedores de peixe que ganhavam a sua vida dando movimento aos mercados com o seu fornecimento ao público, e hoje estão encostados aos cais olhando avidamente para o mar na esperança de verem surgir um barco com peixe que nunca mais aparece; é o comércio que, não podendo dar mais fiados, se encontra morto por falta de negócios; enfim, é uma verdadeira e catastrófica miséria que presenciámos nos portos do Barlavento algarvio. E que prejuízo incalculável não representa para os cofres do Estado e para a economia da provincia esta escassez de peixe e a consequência lamentável de lançar no desemprego muitas centenas de braços?

Por todas estas incontestáveis razões há que considerar conscientemente este assunto de vital importância para o País. Tornar-se, portanto, necessário e urgente que os nossos governantes tomem medidas convenientes quanto à fiscalização, proibindo o uso de redes tapa-esteiros e outras, nos ninhos da criação — rios e rias; proibir as redes de bordo chamadas «coadoras» que são a causa de se fazerem lanços a peixe miúdo quando presentem que entre ele há algumas poucas sardinhas grandes misturadas; e para coar coirco ou seis milheiros destas destroem cardumes inteiros de sardinha miúda que, lançada depois no fundo do mar, em massa inerte apodrece, envenenando as águas, causa indiscutível da fuga da sardinha grande da costa; proibir todo e qualquer acto de escolha de sardinha tanto a bordo como nas redes. Mas, para isso, é preciso, repetimos, que se exerça a fiscalização no mar. E só assim será possível mantermos a nossa grande riqueza para garantir a colocação de milhares de pescadores e a manutenção da industria conserveira.

Eurico Santos Patrio

vinda vênica, da obra do ilustre olhanense dr. Alberto Iria «A Invasão de Junot no Algarve».

SOCIEDADE OCEÂNICA DO SUL, S. A. R. L. LISBOA

Rua de S. Bento, 178-1.º
Motores marítimos: SKANDIA, KAMPER, ATLAS IMPERIAL SIMRAD — Sondas e rádios telefones para a pesca. Máquinas para a indústria de conservas: SUDRY ASSMAN — Aparelhos gravadores de som para ditado. Aparelhos descongeladores e de aquecimento para a indústria e conforto MASSER Máquinas para café-creme EUREKA Agentes em todo o Algarve

Com esta tinta Até um bebé pinta!

FABRICA DE TINTAS E VERNIZES "EXCELSIOR" J. A. HONRADO & CALLADO, LDA. TRAV. DO GIESTAL, 4 (à R. Aliança Operaria) Tel. 637106 LISBOA

ROLAMENTOS E CHUMACEIRAS RIV

FABRICO ITALIANO PARA APLICAÇÕES INDUSTRIAIS

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS AUTO-LUSITANIA AV. DA LIBERDADE 73 A79-LISBOA